

Memória
Viva da
Comunidade do
Jaburu

Vitória / ES

Nossa 
história
Nossa Bem
Território do Bem - Vitória - ES



Realizado com recurso do
Funcultura

**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**
Secretaria da Cultura



ibram

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



Apresentação

O Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem, contemplado no Prêmio da SECULT/ES – “Criação de Pontos de Memória”, com a intenção de resgatar e preservar fatos e conhecimentos não presentes na história oficial, valorizando a memória social e fortalecendo a identidade do Território do Bem fez rodadas de conversa, individuais e coletivas, com moradores que vivenciaram a história de formação dos bairros São Benedito, Itararé, Consolação e das comunidades Floresta e Jaburu, na cidade de Vitória/ES.

Estimulando que o próprio Território pudesse olhar sobre si mesmo e suas referências locais, um grupo de lideranças, participante do Fórum Bem Maior (fórum de moradores do Território do Bem) foi convidado pelo Ateliê de Ideias para animar em seus espaços de atuação a ideia do resgate da história local.

Coube a essas lideranças a atuação como mediadores e conselheiros e a indicação do grupo de jovens moradores que participaram diretamente na realização do inventário participativo.

Os moradores mais antigos deram seus depoimentos e repassaram seus conhecimentos, dando destaque aos lugares que têm ou tiveram significado histórico.

Foram feitas pesquisas documental para ilustrar as informações transmitidas pelos moradores que vivenciaram a história. Fotos antigas e documentos foram localizados, com moradores, nos arquivos públicos, municipal e estadual, na Universidade Federal do Espírito Santo e na Prefeitura de Vitória.

E através da imersão em cada uma das etapas do inventário participativo os jovens estagiários tiveram a oportunidade de conhecer a trajetória histórica que originou a sua comunidade, compreendendo o passado e aquilo que os rodeia nesse instante.

Desse trabalho resultou uma coleção de histórias que se tornam referências culturais comunitárias em razão da história da formação dos bairros e comunidades do Território do Bem.

Denise Barbieri Biscotto e Valmir Rodrigues Dantas
Coordenadores do Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem

O Território do Bem - Vitória/ES

Vitória-ES

No século XX, em função da ocupação dos morros, que refletem as luzes das casas nas águas da baía, **Vitória** passou a ser chamada de “*Cidade Presépio*”.

O Município de Vitória é composto por uma área continental e outras 34 ilhas. É constituído por 80 bairros, com população de 319.163 habitantes.



Foto de THAIS GOBBO

Território do Bem.

“[...] toda cidade vai cantar e finalmente vai voltar, aos tempos atrás, aos tempos da paz, ao tempo da consideração, quando era menos ambição e o coração valia muito mais.”

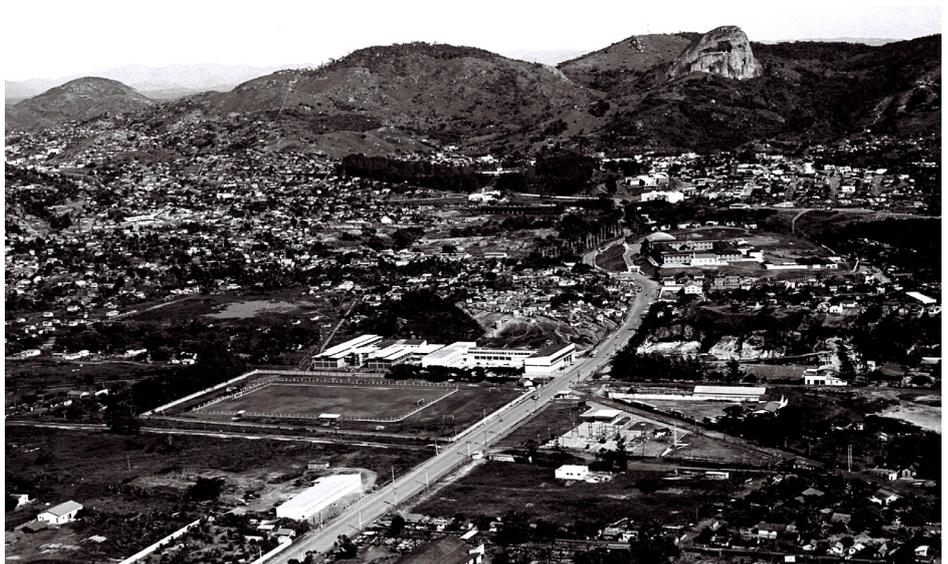
(Nelson Cavaquinho)

O Território do Bem. Este é o nome adotado pelos próprios moradores para uma região que é chamada de **Poligonal 1** pela **Prefeitura de Vitória, ES**. Esta poligonal, localizada na região central do Município, está circundada pelas avenidas **Leitão da Silva, Vitória, Maruípe e Marechal Campos** e é composta pelos bairros **Consolação, Bonfim, São Benedito, Bairro da Penha, Itararé** e pelas comunidades **Engenharia, Jaburu, Floresta** que juntos somam 32 mil habitantes (10% da população de **Vitória**).

A ocupação deste território começou no final dos anos 20, nas partes mais baixas e se intensificou na década de 60, nas partes mais altas, com migrantes do interior do **Espírito Santo** e também de outros estados, expulsos dos campos pela crise cafeeira e atraídos pela

industrialização recente da Capital e de seus entornos.

Sem estrutura para receber essa galopante migração campo-cidade, muitos problemas socioespaciais surgiram, principalmente a ocupação irregular de encostas e manguezais.



Av maruípe, em 1960



Fotos de Paulo Bonino, arquivo SEDEC PMV, da Avenida Leitão da Silva em 1960 e em 2001

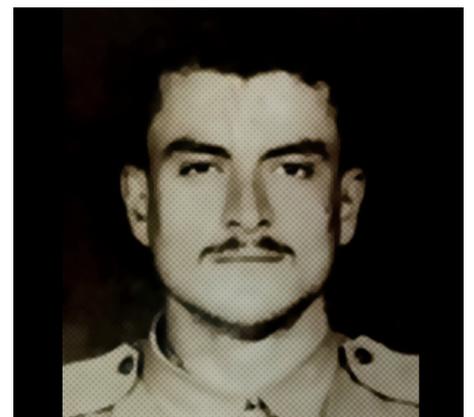


Sargento Carioca

Essas ocupações nem sempre eram pacíficas e o “**Sargento Carioca**” (um militar reformado do exército) foi o principal organizador tático das ocupações, que se dava com frequência durante as madrugadas, como forma de evitar o enfrentamento com

policiais. Os barracos erguidos eram muitas vezes derrubados pela polícia e pelos proprietários das terras, mas reerguidos pelos ocupantes.

ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR
(Sargento Carioca)



Vitória, 01 de setembro de 1987

Exm. Sr.

Maria José Alves Araújo

& seus familiares.

HISTÓRICO DA IMAGEM DE SÃO BENEDITO
SITA EM SEU PODER. NO ALTO DO ITARARÉ

CÓPIA PARA MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO. FICAR COM MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO.

Eu, abaixo assinado, 3º Sargento PM Reformado, Ascendino Fagundes de Aguiar, conhecido por Sargento Carioca, sou natural do Estado do Rio de Janeiro, Petrópolis, sou conhecido pelo povo deste Estado, Vitória, Esp. Santo, pelas campanhas de Líder Proletário, porque resolvi em 1953 iniciar uma campanha por minha conta para ocupar, lotear ruas, reservando locais para a igreja Católica, local para Escola, Praças, com o povo, isto tudo feito, tudo foi conseguido, água, luz, calçamento, escadarias, creches, sempre consegui policiamentos; os marginais não tiveram tréguas, nunca houve tumultos com a lei, nem problemas com o governo, apesar da proibição, muitas vezes terrorista das autoridades, sempre foi proibido fazer barracos. A quem possa interessar as povoações, iniciaram o Bairro da Penha, 1953, Bomfim, 1955, Baixada e Alto Itararé 1961, Alto São Benedito 1963, Alto Consolação 1966, Bairros São Pedro I e II e demais 1977 e demais povoados na Grande Vitória. Fui candidato a Vereador desde 1958 até 1982, agradeço a todos os viventes conscientes que votaram e falaram a meu favor, sou um devedor a todos os eleitores em todas estas eleições, fico muito grato também, fico grato a todos os governos que atenderam meus apelos, junto com o povo. A favor das melhorias, inclusive as linhas de ônibus Alto Caratoíra, Penha, Alagoanos, 1964 e linha de Itararé, 1962, peço desculpas a todos viventes por qualquer dano causado mais um homem sozinho desarmado tinha que atender fielmente a todos e a tudo, ficaria impossível sem cometer erros. Mas de fiz os erros peço desculpas.

HISTÓRICO: da Imagem São Benedito, 80 cm de altura. Por ocasião das eleições municipais em Vitória, um candidato a Prefeito Sr. Abido Saad, agora falecido me entregou esta imagem para a nossa Igreja no Bairro da Penha, Vitória (1962) com uma procissão de 500 pessoas, ela ficou na igreja Penha. Trazida pelo povo da Praia de Santa Helena. Ela ficou na cidade igreja até 1966, consegui um material, tábuas e telhas e o povo construiu a 1ª capelinha, Alto São Benedito, sendo que anos após esta capelinha apodreceu então Dona Maria José Alves Araújo, com o povo, construiu de madei

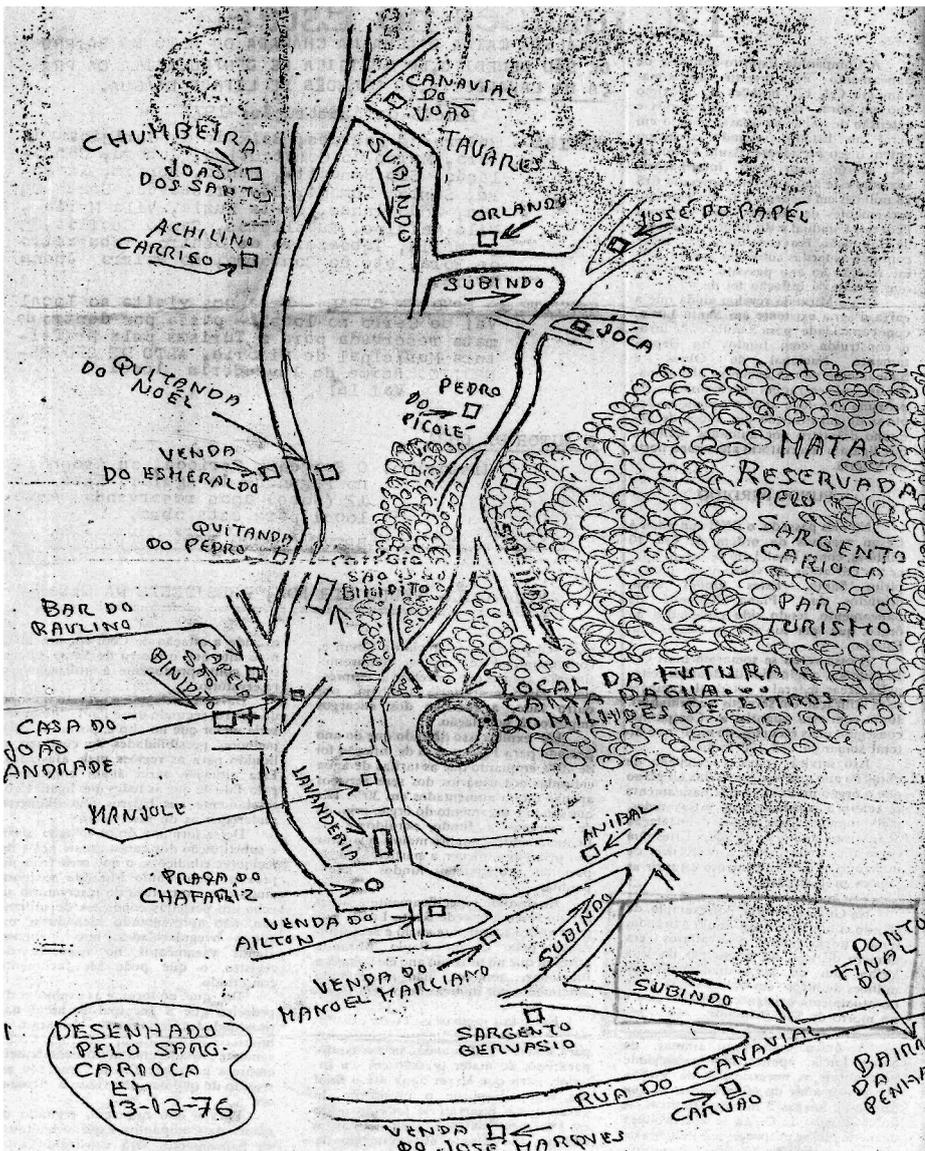
ras outra, parabéns a todos.

Assim, faço entrega desta imagem que, desde 1968, está sob os cuidados de Maria José Alves Araújo, a Diretoria atual da capela São Benedito no alto Bairro São Benedito, em Gurigica. De Dentro agradeço pela honesta guarda desta imagem.

Obrigado a todos os católicos.

Ascendino Fagundes de Aguiar
ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR =
3º Sgt PM REF = SARGENTO CARIOCA

Documento, direcionado à Dona Maria José Alves Araújo (moradora de São Benedito desde a fundação do bairro), escrito e assinado pelo sargento carioca.



Somente a partir da década de 80, os problemas ambientais e de infraestrutura urbanas começaram a ser enfrentados. Em 1998 foi implantado o **Projeto Terra**, com ações para integrar e concretizar políticas sociais, habitacionais, de preservação ambiental e melhorias urbanas. Em 2007, o projeto passou a ser chamado de **Terra Mais Igual** e incorporou o conceito de **Desenvolvimento Humano**.

Desenho guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

Cesan investe em 1977 120 milhões no Estado

LOCAL: DA CAIXA D'ÁGUA, NA CHAPADA DO ALTO DO BAIRRO DE SÃO BENEDITO, EM GURIGICA DE DENTRO. ACIMA DA PRAÇA DA LAVANDERIA. 20 MILHÕES DE LITROS D'ÁGUA.

Início da construção: 1977

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento irá investir aproximadamente Cr\$ 120 milhões no próximo ano em obras de rede, reservatórios e extensão de linhas de abastecimento em geral no Estado, segundo anunciou ontem o seu presidente, Paulo Miranda. De acordo com suas informações, somente este ano a Cesan conseguiu Cr\$ 28 milhões em recursos a fundo perdido, provenientes de doações dos governos Federal, Estadual e do Banco Nacional de Habitação. Isso contribuiu para fazer com que as tarifas subissem apenas 30% em relação ao ano passado, enquanto que a taxa de inflação foi de 40%.

Paulo Miranda revelou ainda que a caixa d'água existente em Santa Lúcia, com capacidade para 5 milhões de litros e construída com fundos do Departamento Nacional de Obras e Saneamento não se encontra abandonada, devendo entrar em funcionamento no próximo ano, logo após a conclusão das obras de substituição de tubos de pequeno diâmetro por unidades maiores, que ligam o reservatório até a zona norte de Vitória.

FUNDO PERDIDO

No mês passado, o BNH concedeu à Cesan recursos da ordem de Cr\$ 10 milhões, com a finalidade de serem aplicados em obras de saneamento no Espírito Santo. Estes fundos eram oriundos do Plano Nacional de Saneamento, tendo sido repassados ao órgão, que por sua vez os destinou ao Estado.

A essa verba se somaram mais Cr\$ 18 milhões, originários de doações feitas pelas áreas federal e estadual, também para utilização em serviços semelhantes. Junto com essa quantia, a Companhia conseguiu mais recursos, de modo que no total somaram Cr\$ 120 milhões.

Isso servirá para a execução de obras no ano que vem, incluídas no plano que o órgão mantém e que basicamente se refere à construção de novas redes, melhoramentos nas atuais e instalação de novos reservatórios de água. Estes têm como finalidade prever a ocorrência de interrupções no fornecimento e suprir as regiões prejudicadas.

Na Grande Vitória, por exemplo, de acordo com o que disse Paulo Miranda, serão implantados reservatórios em número de três, no município de Vila Velha, um de aproximadamente 20 milhões de litros em Santa Lúcia perto do atualmente existente, em Gurigica e no morro de São Benedito.

A única construção similar, de Santa Lúcia, apenas tem capacidade para cobrir as necessidades de Vitória por pouco mais de 60 minutos, já que dispõe de apenas 5 milhões de litros. A linha de ação da Cesan se desenvolverá de modo que se proporcione condições de que o fornecimento não seja interrompido pelo menos oito horas após o início da interrupção no abastecimento.

Para Paulo Miranda, a captação de recursos externos a fundo perdido servirá

SERVIRÁ - Bairro de Lourdes, Baixada da Gurigica de Fora, Morro do Constantino, Jaburu, Consolação, São Benedito, Penha, Bonfim, Itararé, Santos Dumont, São Cristovão, Santa Maria, Andorinhas, Santa Luzia, Vila Maria, Vila Maruipe, Eucaliptos, Santa Cecília, Engenharia, Taboazeiro de Dentro, Tabuazeiro de Fora, até no Contorno, no Bairro Joana D'Arc.

CONVITE AO POVO EM GERAL - Faça uma visita ao local Vai de Carro no local - passe por dentro da mata reservada para o Turismo pela Prefeitura Municipal de Vitória, ALTO DE SÃO BENEDITO. Acima da lavanderia local Vai lá!

O AUTOR DA OBRA

Histórico: O Sargento Carioca, ou Ascendi, no Fagundes de Aguiar. Está há 12 (doze) anos reservando este local para esta obra.

BREVE O POVO TERÁ MUITA ÁGUA E PAZ!

-VIVA O DR. PAULO MIRANDA, PRESIDENTE DA CESAN-

para reduzir a dependência da Cesan e, conseqüentemente, o seu comprometimento, com o que se refere a empréstimos. Isso acarretaria também, por outro lado, a redução dos encargos impostos à população.

Ele explica isso dizendo que do ano passado para 1976, a taxa de inflação foi de 40%, enquanto que as tarifas de água cobradas aos usuários dos seus serviços apenas foram aumentadas em 30%. Diz que sendo o orçamento do órgão oriundo de recursos a fundo perdido e de financiamentos, quanto maior o volume dos primeiros, menor a participação do povo em proporcionar fundos à Companhia.

Analisando especificamente a situação do reservatório de Santa Lúcia, que se encontra totalmente vazio e sem utilização pela Cesan, Paulo Miranda afirmou que no próximo ano ele voltará a funcionar, somente não o estando atualmente por motivos de ordem técnica.

Entre tais motivos está o da existência de canos de diâmetro insuficiente para atender a demanda, necessitando, para isso, de maior pressão em seu interior, para que levem água até o final das redes. Explicou o presidente da Cesan que o reservatório foi construído em 1967 pelo DNOS, funcionando até o ano passado para o abastecimento da zona norte de Vitória.

O que ocorreu, segundo ele, foi de que a população cresceu e as redes não foram aumentadas. Dessa forma, e

estando a estação de Cobi em um nível mais alto que o morro de Santa Lúcia, seria contraproducente a utilização do reservatório.

Dai resultaria que a pressão no sopé do morro, segundo disse Paulo Miranda, seria maior que no alto e, portanto, com melhores possibilidades de conduzir o líquido para as regiões mais afastadas. Esta situação seria ainda engrossada pelo fato de que as redes que ligam Cobi diretamente aos bairros têm diâmetro maior que as do reservatório.

Dessa forma, a única solução seria a substituição dos canos atuais pelos de melhores condições, o que será feito no próximo ano. Paulo Miranda sustenta ainda que a estrutura do reservatório se acha em perfeitas condições de utilização, não apresentando rachaduras ou outras irregularidades, mas apenas alguns vazamentos no cabeçote de registro, o que pode ser facilmente consertado.

Diz que, no tocante às explosões da pedreira que a Incospal mantém nas proximidades, estas não chegaram a interferir na estrutura, tendo a Cesan somente enviado uma notificação àquela empresa para que tivesse cuidado no sentido de que isso não viesse a acontecer.

Para o ano que vem, segundo os planos da Companhia Espírito-Santense de Saneamento, será construída uma guarita de guarda no local do reservatório, com telefone e demais instalações.

Recorte de Jornal guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

A origem do nome “Território do Bem”

O nome **Bem** vem do **Banco Bem**, banco comunitário, com sede em **São Benedito**, que motivou a integração entre as comunidades deste território. O **Território** possui uma instância organizativa própria, o **Fórum Bem Maior**, que discute e articula as ações de desenvolvimento local.





Memória Viva da Comunidade do Jaburu Vitória/ES

Narradores:

Antônio Leal

Ubalдина Romual Almeida Gaudino
(76 anos – moradora de Jaburu
desde 1950)

Dermina Pereira
(67 anos – moradora de Jaburu
desde 1962)

Manoel de Almeida

Maria do Carmo Nascimento
(64 anos – moradora de Jaburu
desde 1962)

Maria da Conceição

Pesquisadores

Wanderson Mendes

Cosme Santos de Jesus

Assistentes de Pesquisa

Denise Barbieri Biscotto

Marina Filetti

Sebastião Luiz do Carmo Castro

Valmir Rodrigues Dantas

Diagramador

Soter França

Coordenadores

Denise Barbieri Biscotto

Valmir Rodrigues Dantas

Memória Viva da comunidade de Jaburu – Vitória ES

O bairro **Jaburu** está localizado num maciço granítico, entre a Avenida **Leitão da Silva** e **Avenida Vitória**, no município de **Vitória (ES)**. É uma das comunidades que formam o bairro **Gurigica**. Sua ocupação teve início em 1920, mas só se acentuou a partir de 1945, quando a fazenda de Constantino Helal, depois fazenda do Estado, foi ocupada por famílias pobres.

Os primeiros moradores da região foram os migrantes do nordeste. Em seguida chegaram pessoas pobres da cidade e do interior do Estado. A prática de ocupação se deu com invasões noturnas como forma de desviar as ações policiais. Os moradores durante o dia atuavam como “vigia”, bloqueando a chegada da polícia e organizavam formas de resistência. Ocupavam todos os espaços, inclusive aqueles destinados para as vias de acesso.

Foram 07 (sete) as tentativas de invasão entre os anos de 1945 e 1954, sendo as 06 (seis) primeiras impedidas por ação policial.

A ocupação, segundo os moradores mais antigos, contou com o apoio do Coronel Hélio que incentivava as pessoas a fazer moradia no alto do morro. Por muitos anos a água do poço existente na propriedade do Coronel Hélio foi a principal fonte de abastecimento dos moradores.

O **Sargento Carioca** não atuou nas primeiras ocupações de **Jaburu**. Ele chegou por volta de 1970 depois de atuar em



São Benedito com o intuito de melhorar o bairro. Depois, com o apoio de lideranças da comunidade, criou um sub-diretório do partido político Arena, em Jaburu. As reuniões da ARENA aconteciam nos finais de semana a noite. O sub-diretório da Arena funcionou em **Jaburu** entre 1964 e 1966, sob a coordenação de Seu Abílio.

A topografia acidentada de **Jaburu** é elemento que dificulta o acesso da população. O bairro conquistou sua primeira rua pavimentada, que conecta a parte baixa ao cume do morro, em 2002. Suas escadarias e becos de concreto, geralmente estreitos, perfazem caminhos internos do morro.

Hoje o Jaburu está assim...



Seu Antônio: *“Quando eu conheci isso aqui, em 58, era uma fazenda do estado, chamada **Baixo da Égua**... As pessoas viviam em condições muito difíceis... Quando chegava a época da política, eles mandavam a gente invadir, quando passava, eles vinham e tiravam a gente daqui. Muita gente perdia o material que tinha conseguido para melhorar o barraco. O povo foi tirado daqui sete vezes... o nome da comunidade veio do Palácio lá de Brasília, o **Palácio do Jaburu** (planejado por Oscar Niemayer para abrigar o vice-presidente)... eu quero que esse nome seja sancionado pelo governador e pelo prefeito”.*

Dona Ubaldina: *“a comunidade tem esse nome porque havia aqui no morro uma grande quantidade de pássaros tuiuiú, conhecidos também como jaburu, na época em que a **baixa da Gurigica** e bairros vizinhos eram alagados”.*



Seu Antônio: *“Não tinha água, não tinha luz, não tinha estrada, só tinha mato e cobra. Eu sofri muito quando cheguei aqui. Eu tinha que ir buscar água com duas latas e a criançada... a gente ia muito longe, se tava chovendo a gente escorregava sempre. A água era até passar o café do dia seguinte para procurar outra vez. Agora, acabou o sofrimento da água, da luz e da estrada. Agora a gente pode sair para conhecer o mundo”.*

Dona Maria da Conceição: *“...quem deu esse pedaço de terra pra nós morar foi o Coronel Hélio. Pedimos a ele, e ele disse: “aquele morro lá ta lá é largado, então você não pode pagar aluguel, vai viver lá’... fizemos tudo de capim, a casa. Tudo foi se abrindo de facão, foice, machado, prá poder entrar aqui dentro”.*

Ubalдина: *“eu tinha um amigo fiscal que disse: “Dona Ubalдина vai na prefeitura que eu vou lhe dar um papel para a senhora poder construir seu barracinho, sua casa lá no morro, e ninguém vai impedir. E construímos. Para modificar essa cara, eu fui trabalhando muito em casa de família, trabalhando no hospital, as crianças foram crescendo e foram ajudando, comprando tabua... depois do barracinho, veio a casa de alvenaria”.*

Maria da Conceição: *“Bom eu vim o interior, por causa de patrão ruim, nós viemos do interior com uma mão na frente outra atrás, com uma roupinha dentro do saco e viemos, depois eu arrumei um serviço e meu marido também, encarei a vida”.*

Ubalдина: *“Era uma época difícil, tínhamos muita dificuldade, as pessoas só tinham tempo para o trabalho. Aqui não tinha nada, era só escuridão, tudo escuro. Apesar disso as pessoas viviam felizes, as crianças na rua jogando bola, não tinha nada, não tinha televisão. Sabe como faziam para assistir televisão? iam para casa do vizinho... era TV daquelas antigas que os meninos iam em montes e ficavam olhando pela janela”.*

Seu Manoel: *“...moro aqui desde 1970... “Nós sofríamos muito sem água, sem caminho para viajar, a gente andava nas trilhas dos bois e dos cabritos. Muitas vezes, depois de chegar cansado do trabalho, tomava meu banho de bacia, mesmo, né? Quando dava 3 horas da madrugada tinha que sair para conseguir pegar água lá no Coronel Hélio pra trazer aqui! Então, a gente botava alça nas latas: em um pau botava duas latas, uma de um lado, outra de outro lado pra trazer e depois ia para a batalha de novo. Quando tinha sol a gente tava bem, quando não tinha, a gente sentia falta de poder pegar uma água, secar uma roupa, buscar uma lenha”.*

Seu Antônio: *“... Lá para o ano de 1968 eram os próprios moradores que realizavam as obras da prefeitura, a prefeitura dava apenas o material...”*

Seu Manoel: *“...O bairro cresceu, teve um bom crescimento, porém também veio a marginalidade, as coisas ruins, como tudo veio as coisas boas, mas veio as coisas ruim também. Como tudo na vida o bem e o mal andam juntos...”.*



Lugares importantes na história de formação de Jaburu:



Escadaria João Rosa

Foi a primeira escada construída no bairro Jaburu. Na época era apenas uma escada precária, com degraus incompletos, e partes feitas com barro. Por muitos anos este era o principal caminho dos moradores em busca de água, comida e materiais de construção para suas moradias. Com muita luta por parte dos moradores e seus representantes, como o Seu Antonio Leal, essa escada, que já foi o endereço da antiga sede da **Associação de Moradores do Bairro Jaburu** e onde está situado o atual **Centro Comunitário**. A escadaria, primeiramente, foi pavimentada pelos moradores, em regime de mutirão, com pedras, e depois foi sendo melhorada e assim junto com ela o bairro foi crescendo. O nome foi uma homenagem ao morador João Rosa que viveu naquela área por bastante tempo.



Escada João Rosa Neto - 2008



Escada João Rosa Neto - 2016



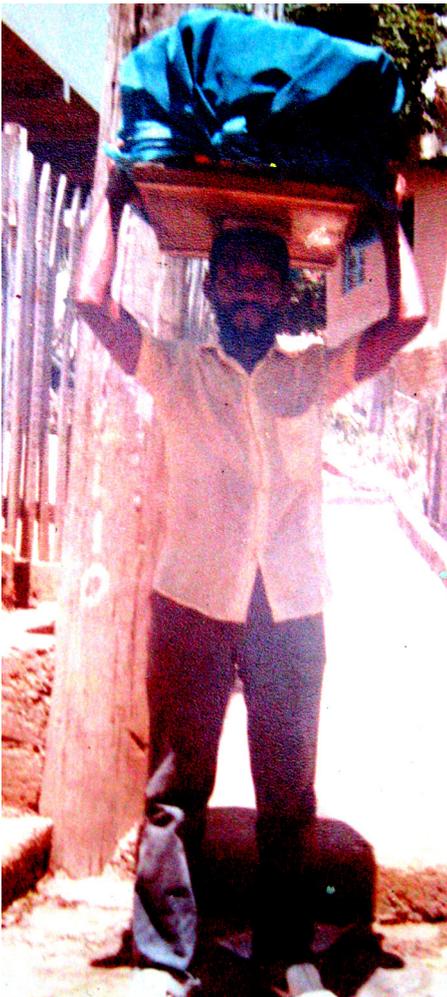
Casa do Seu Antônio Leal (primeira sede da Associação de Moradores de Jaburu)

A criação de esferas participativas no **Morro do Jaburu** acontece, basicamente, desde as primeiras ocupações. Porém, em um âmbito institucional, pode-se dizer que a ocorrência se dá por volta de 1962, pelas “mãos” do Sr Antônio Leal e seus companheiros, já falecidos.

Seu Antônio Leal, conhecido como Antônio do Pão, que cedeu a própria casa para ser a sede da **Associação de Moradores de Jaburu**, dedicou muitos anos de sua vida na luta por melhorias na comunidade.



Seu Antonio Leal e diretoria da Associação de Moradores de Jaburu



Seu Antonio Leal, conhecido com Antônio do Pão.



Festa no dia da eleição, com direito a mocotó – 1978



Casa do Seu Antônio Leal em 2016, com cartazes antigos, de eleições eleitorais.

Ualdina: *“Os primeiros moradores que me lembro foram Telmir, Dona Helena, Geni, Seu Manoel, Carminha, Seu Antonio da Cruz e Seu Antonio Leal. Tinha a Família do Zé Bezerra... essas famílias vieram tudo do interior, a minha família também do interior, de Conceição da barra. Eu vim de lá pra trabalhar...pra sobreviver. A maioria trabalhava na construção civil e de doméstica”.*

Vila Baiana

Vila Baiana é o nome dado a uma região de Jaburu devido à quantidade de famílias que vieram, e ainda vem da Bahia para viver no local. Geralmente são famílias pobres, mas que carregam consigo a alegria e a solidariedade. Essa área foi sendo construída e melhorada junto ao desenvolvimento que se deu no bairro e hoje é um lugar de lazer dos moradores, onde se encontra a quadra, um espaço voltado a todos os moradores. É onde acontecem cultos das igrejas e eventos organizados pela comunidade.



Apresentação de documentário, na quadra da Vila Baiana – 2016

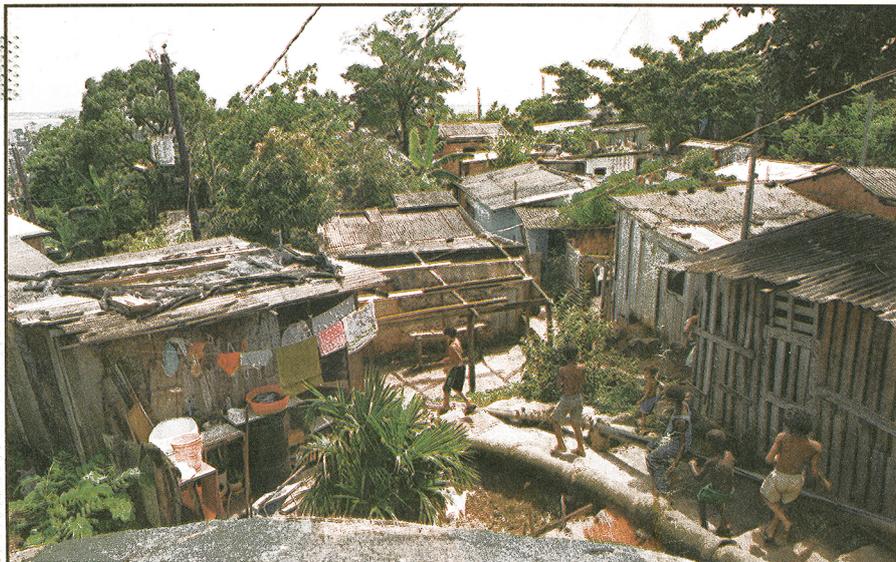
Ubaldina: “... depois que os baianos vieram pra cá o bairro cresceu mais porque o povo da Bahia é muito trabalhador... eu vejo que o bairro cresceu bastante, apesar de termos que lutar muito ainda, trabalhar muito para conseguir conquistar mais e mais”.



Festa Junina, do Cajun de Jaburu - julho de 2016

Maria do Carmo Nascimento “...Naquele tempo eu era mais nova e tinha o forró lá na **Vila Baiana**. Tinha o bar e lá mesmo a gente dançava. Eu ia lá depois voltava aqui pra olhar as crianças que estavam dormindo, depois voltava lá pro forró de novo...(risos)”.

GRANDE VITÓRIA



Fotos de Helei Sant'Ana

A Bahia é ali; três pequenos botecos de um lado, uma igreja simples de Nossa Senhora da Guia do outro e gente circulando para cima e para baixo. É assim a entrada da vila, que lembra as pequenas cidades baianas

Origem

Migrantes criam 'vilas baianas' em morros

Anualmente, mais de três mil migrantes passam pelo posto de atendimento da Rodoviária

ELAINE SILVA

Após o difícil acesso por causa da quantidade de degraus, já se pode perceber que a Bahia é ali. "João Baiano, estão te chamando", grita uma pessoa com o sotaque que denota a origem. No topo do morro do Jaburu, está ela, mais conhecida como "vila baiana". Três pequenos botecos de um lado, uma igreja simples de Nossa Senhora da Guia do outro e gente circulando para cima e para baixo. É assim a entrada da vila, um cenário que lembra as pequenas cidades do interior baiano, onde as pequenas vendas, a cachaca e o forró dão o tom de alegria a um povo sofrido que busca uma vida melhor.

Não é só o topo do Jaburu que já se tornou uma mostra de outro

Estado dentro da capital capixaba. As chamadas "vilas baianas" existem também nos morros Jesus de Nazareth, Morro do Macaco e outros. O gueto é o ponto do morro que mais concentra baianos, o que não quer dizer que em outras partes também não existam baianos. Eles são muitos, assim como os mineiros. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 14,54% da população capixaba é composta por mineiros e 11,08% por baianos.

Só no Posto de Atendimento ao Migrante (PAM), que a Prefeitura de Vitória mantém na Rodoviária, das 2.559 pessoas que vieram de outros estados este ano, 622 são de Minas Gerais e 461 da Bahia. Mas, segundo a secretária de Ação Social de Vitória, Wânia Malheiros, o número de migrantes é muito maior, pois muitos não passam pelo posto, vindo morar em casas de parentes que já residem em Vitória. O prefeito de Vitória, Luiz Paulo Vellozo Lucas, disse ter conhecido as vilas baianas em tempos de campanha. "Normalmente vem primeiro uma pessoa e depois a ir-

mã; amigos e outros parentes acabam vindo atrás e, por isso, eles moram perto. As vilas baianas já viraram sub-bairros dos morros. É só chegar em qualquer um deles e perguntar onde elas estão que todos sabem".

"Mainha"

Morador do Jaburu desde a fundação do morro, o líder comunitário Antônio Leal revela que 70% dos moradores da região são da Bahia. "Essa invasão começou mesmo na década de 60 quando as fazendas de café e cacau da Bahia entraram em decadência", conta ele. O relato de seu Antônio Leal, que não precisa ser historiador para saber desta realidade, traduz a vida do mineiro Aurelino Gregório dos Santos, 70 anos, e da baiana Flórida Pereira da Conceição, 68 anos, que vieram das fazendas baianas por causa da crise na produção. "Meu véio não agüenta mais trabalhar e nós tivemos que vir para cá, onde pelo menos ele se aposentou", revela Flórida, e suas rugas mostram uma vida de muito trabalho e sofrimento.

Essa mesma falta de trabalho e

esperança trouxe Wandinho Viana de Abreu, 25 anos, há cerca de cinco anos, da localidade de Medeiros Neto, próximo à Teixeira de Freitas, no Sul da Bahia, para o morro do Jaburu, em Vitória, onde a irmã mora. "Graças a Deus aqui consegui trabalho, como carpinteiro, mas mainha morre de saudade e vou lá todo ano visitar ela", diz Wandinho. Para a saudades não apertar demais, o carpinteiro se torna pintor nas horas vagas e a pequena sala já está repleta de quadros. O tema é sempre o mesmo: pintar sua terra, a roça de onde saiu e onde deixou a mainha e o painho.

Há quem chegou no morro há pouco mais de um ano. O som do forró convivia a uma entrada no barraco de Natalino Jesus da Silva, baiano de Ilhéus, que faz do pequeno cubículo a casa e uma venda improvisada. Mesmo apertado, duas dançarinas de forró bailavam ao som do ritmo e ao sabor das cachacas preparadas por Natalino. "Tenho minha mãe lá, mas está muito ruim de conseguir trabalho e aqui vou ficando", diz ele, na calma e paciência que caracterizam o bom baiano.

'Pelo menos tenho meu canto', diz Maria de Fátima

As argolas e os colares de pérolas mostram o que é que a baiana tem. A manicure Maria de Fátima Lauriano Ricardo, que veio de Posto da Mata, na Bahia, tem em sua história de vida o exemplo da trajetória dos migrantes baianos e mineiros, que saem de suas cidades, a maioria do interior e, pobres, buscam uma nova vida. Com dois filhos, pela segunda vez a baiana tenta viver em Vitória e, agora, apesar de não ter tantos clientes no salão onde começou a trabalhar semana passada, se sente mais feliz: "Consegui o meu cantinho, tenho isso aqui, antes não tinha nem um lugar para morar e vivia com meus filhos perambulando em casa de famílias".

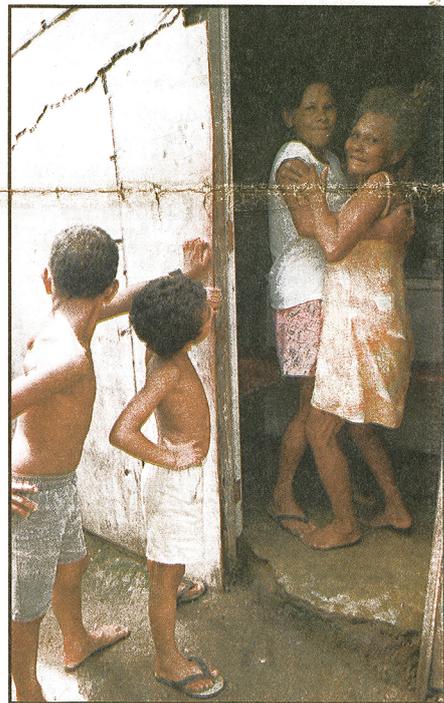
O "cantinho" de Fátima, ela faz questão de manter muito bem arrumado. Ao conversar com a reportagem de A GAZETA, ela dava a faxina na casa, tentando deixar brilhando os poucos móveis da pequena casa de três cômodos.

"A gente luta para ficar bem, agora estou com um coroa aí, mas é difícil viver junto, você sabe né? Mas o que me irrita mesmo são estes ratos, que já estão começando a invadir a minha casa à noite, não me deixando nem dormir direito", relata ela, com a simplicidade de quem está disposta a abrir seu coração ao pri-

meiro que esteja disposto a uma boa conversa.

A peregrinação de Fátima começou cedo, há cerca de 11 anos, quando saiu pela primeira vez da casa de seus pais, em Posto da Mata, para tentar a sorte na cidade grande. "Eu vim, engravidado do meu primeiro filho, não tinha onde tê-lo porque não tinha casa e, na viagem de volta, acabei parando em Pedro Canário, pois não ia agüentar chegar em casa", conta ela, que da primeira vez morou cinco anos em Vitória. Quando chegou na casa dos pais, ficou por um ano e meio e resolveu novamente tentar a sorte na capital capixaba.

"Voltei e já estou aqui há quase cinco anos. Tive outro filho e, como já te falei, as coisas estão melhores. Nunca tive nada e agora consegui o que é meu", refere-se ela novamente ao seu cantinho. Maria de Fátima terminou recentemente o curso de manicure, já está sentindo na pele que o mercado não está fácil e admite até mesmo voltar a tentar algum trabalho como doméstica. "Não volto mais, pois sei que lá está pior, estou disposta a tudo para manter meus filhos aqui, na escola, como estão, e em nossa casa", fala, segura, mostrando que o estereótipo da preguiça baiana ficou bem longe, lá na roça de Posto da Mata.



Animação

O som do forró convivia a uma entrada no barraco, uma mistura de casa e venda

Recém-chegados são cadastrados

No Posto de Atendimento ao Migrante (PAM) localizado na Rodoviária de Vitória é feito um cadastro de todos os recém-chegados ao Estado. Lá é revelado o perfil de um migrante desempregado, na idade economicamente ativa e que não possui nem mesmo o primeiro grau. Dos 2.559 migrantes que passaram pelo posto, este ano, 38,76% tinham estudado somente até a 4ª série, 31,61% completaram o primeiro grau e 19,63% eram analfabetos.

Os dados, segundo a chefe da Divisão de Atendimento Social, Dônia Maria da Silva Balestreiro, refletem a situação em que estão os moradores dos morros da Capital. "A maioria das pessoas chega para tentar um futuro melhor e até se estabelecer, quando conseguem isto, acabam invadindo áreas de risco ou até mesmo indo parar nas ruas", disse.

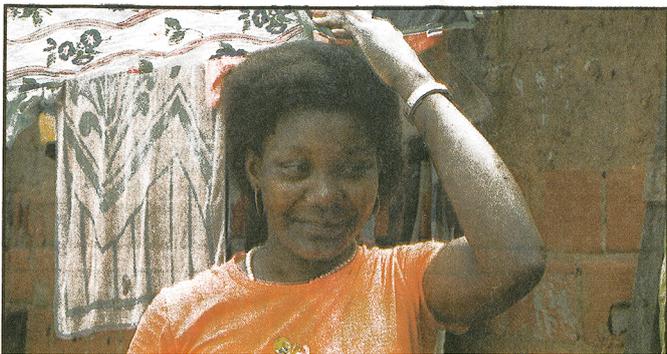
O trabalho feito no posto de atendimento é para tentar evitar o crescimento desordenado de migrantes na cidade, aumentando ainda mais o número de desempregados. Segundo Sônia, o mi-

tempo porque a assistência social percebe que ela realmente ainda não tem condições de conseguir uma casa para morar", falou. Para não incentivar a migração, o posto só fornece a passagem uma vez ao migrante e, caso

ele volte, não terá nova chance.

A secretária de Ação Social, Wânia Malheiros, explicou que são diferentes os tipos de migração que a Capital recebe. "Os que passam pelo posto de migrantes normalmente não têm família no

Estado e chegam aqui sem eira nem beira atrás de trabalho", revela. Segundo ela, as "vilas baianas" foram fundadas pelos dois tipos de migrantes, tanto os que chegam sem rumo, como aqueles que vêm atrás de familiares.



PMV quer limitar ocupação nos morros

O grande número de migrantes que chega todos os anos a Vitória reflete diretamente na ocupação desordenada na cidade, principalmente nos morros. "O surgimento das vilas baianas nos mostra que precisamos ter um controle maior, porque cada vez mais se ocupam áreas de risco, de interesse ambiental, com casas infra-estrutura e saneamento", revela o prefeito da Capital, Luiz Paulo Vellozo Lucas.

Este controle já vem sendo feito por meio do Projeto Terra

mite a secretária de Ação Social, Wânia Malheiros, é a delimitação e controle da desocupação desordenada. "Enquanto o projeto não estiver totalmente implantado, vamos lidar constantemente com este problema".

No total, 35 bairros receberam intervenções do projeto. No Jaburu, próximo à "vila baiana", passará uma estrada e muitas famílias terão suas casas desapropriadas. A coordenadora do Jaburu, Nély Rabelo, explica que não houve problema de negocia-

Conjunto Residencial Jaburu

O Conjunto Residencial Jaburu foi construído no período de 2000 a 2002 para abrigar as famílias que tiveram suas residências desapropriadas para a abertura da **Rua Maria da Paixão**, o que permitiu a melhoradas condições de acesso ao bairro, facilitando depois a chegada do transporte coletivo. São 72 unidades habitacionais, divididas em 12 blocos, e cada apartamento mede aproximadamente 50 metros quadrados.

Antônio Leal: *“O crescimento do nosso conjunto de habitação, que tem 72 famílias, me orgulha muito. Quando eu pedi a desapropriação daquela terra para construir as casas fui ameaçado pelo dono do terreno, que era funcionário da prefeitura. Quantas pessoas me acompanharam até a prefeitura para pedir essas terras, foram mais de 50, 60 pessoas. Foram muitas reuniões...”*



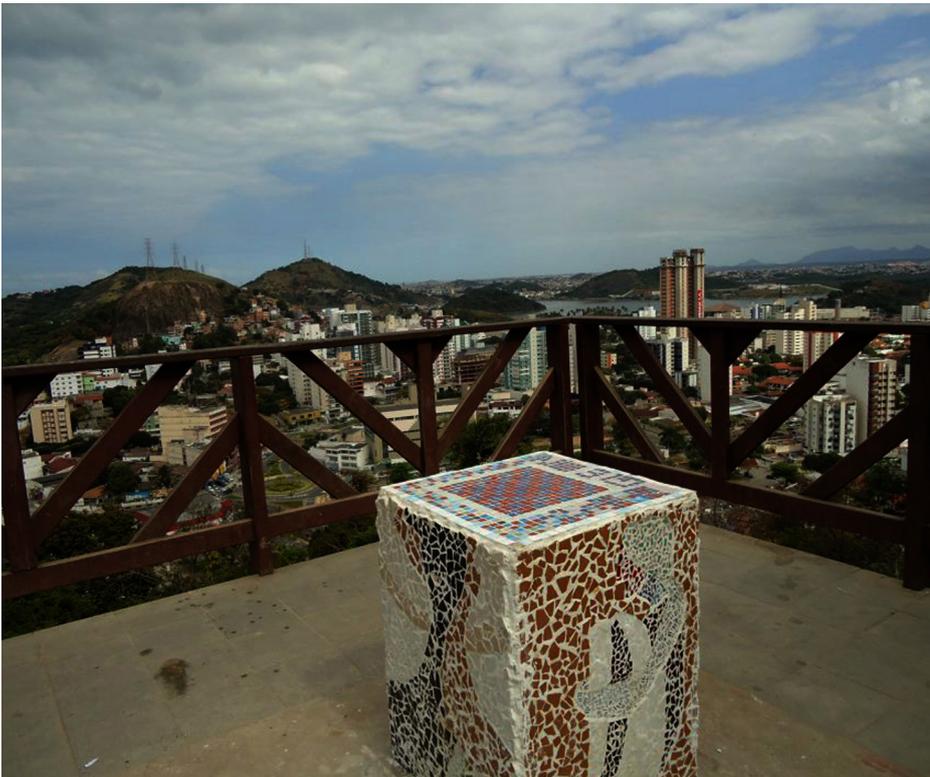
Rua Maria da Paixão Santos

Desde 1961, quando os primeiros moradores começaram a chegar ao **Bairro Jaburu**, que começara as reivindicações de abertura de uma rua nova. O objetivo era melhorar as condições de acesso ao bairro, que eram precárias. Seu Antônio Leal foi um dos que lutou junto à instâncias governamentais daquele período para que o projeto se concretizasse. Mas foi com a mobilização do **Grupo Nação** e com a instituição do **Projeto Terra**, em 2000, que a obra saiu do papel. Com as dificuldades encontradas, as obras só foram concluídas em 2002. Hoje a Rua que recebeu o nome da conhecida parteira da região, apelidada de Maria Paixola, **Rua Maria da Paixão Santos**, é a principal via de acesso ao bairro **Jaburu**. Possui um portal de entrada e termina num belo mirante.



Mirante e Portais

Mirante e Portal são o início e o fim da rua **Maria da Paixão**, construídos junto com a rua. O **Portal** é a porta de entrada para onde está também uma área de lazer para os moradores. O **Mirante** está no fim da rua, construído no mesmo padrão do **Portal**, com bancos e mesas para jogo de dama. Está localizado no ponto mais alto do **Jaburu**, de onde se poder ter uma visão completa do bairro e da cidade.





Ubalдина: “Antes só tinha o buteco do Seu Antonio Leal onde todo mundo ia comprar pão, Não havia nada aqui. Eu não fui ainda, mas minhas filhas dizem do mirante e de outros lugares bonitos do bairro. A **Vila Bahiana** também é bonita”.

Ponto de ônibus

Em 03 de janeiro de 2003, a **Linha 204 - Jaburu**, a última linha de ônibus implantada em **Vitória**, entrou em operação. O ônibus que chegava até o alto de **Jaburu** só operava nos dias úteis. No final de semana a população continuava a pé. Eram dois micro-ônibus circulando, que faziam 16 viagens diárias, oito cada um. As empresas que passaram a operar as linhas era a **Grande Vitória** e a **Unimar** e o percurso era de 23,8 kms percorridos em cada viagem.



Seu Antônio Leal: “... para a chegada do ônibus aqui, íamos de casa em casa perguntar sobre qual era o itinerário melhor para o ônibus...”.

Igreja Assembleia de Deus - Primeira Igreja do Jaburu (Igreja da Pedra de Constantino)

A igreja Assembleia de Deus, fundada em 1965 por Seu Abílio, é considerada por muitos moradores como a primeira igreja de **Jaburu**. Depois surgiram outras e de variadas crenças no bairro. Como valorizava muito a formação dos fiéis, a igreja cresceu e se solidificou no bairro. Sua construção se deu com a ajuda de moradores, por isso é considerada um dos ícones no bairro. As dificuldades enfrentadas para a sua construção foi o difícil acesso de materiais, buscados longe e carregados pelos acessos precários e íngremes do morro. É uma das mais belas igrejas do bairro, que recebe constantes visitas de pessoas de fora.

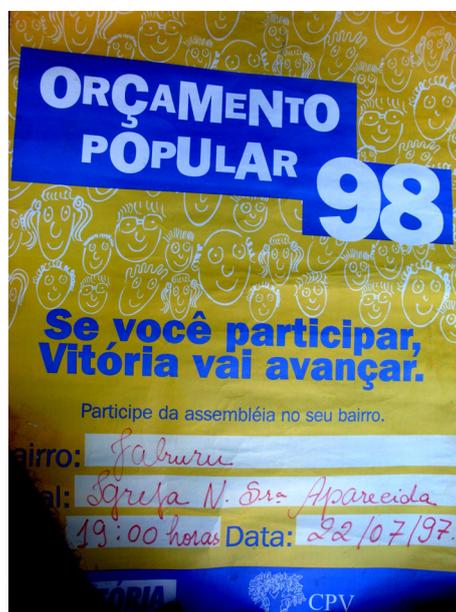


Culto ao ar livre



Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida Segunda Igreja de Jaburu

Fundada na década de 70 e construída também em mutirões pelos moradores, a igreja **Nossa Senhora Aparecida** era o ponto de referência mais importante da comunidade e onde aconteciam os principais eventos e encontros comunitários. Além disso, a igreja cedeu seu espaço para a realização das primeiras reuniões no início da implantação da **Primeira Etapa do Projeto Terra** na comunidade.



Das primeiras reuniões do Grupo Nação: entre os fundadores, Cosme Santos de Jesus e Benedito de Souza (Dito)



Fundadores do Grupo Nação:
Jorge Félix (Jorge Touro),
Carlos Moura (Guará) e Valdir Bento

Quintal de Lourinho

Lourinho, filho do bairro, foi um dos primeiros moradores de **Jaburu**. Viveu cerca de 45 anos no bairro, era dono de uma casa com um grande terreno, que fora dividido em pequenos lotes e vendidos ou doados. Seu quintal foi o espaço onde ocorreram as primeiras comemorações no bairro, como as festas juninas e as primeiras reuniões do movimento comunitário. Hoje esse espaço foi reduzido e parte ocupado por novas moradias. **Lourinho** faleceu dentro de casa. O local aonde viveu permanece o mesmo, e atualmente abriga suas filhas e netos.



Poço/ Elevatória/ Reservatório

Também os moradores de **Jaburu** buscavam água para o seu dia a dia em um poço, onde hoje se localiza a creche de **Gurigica**. As condições de acesso eram precárias, e para isso os moradores tinham que descer e subir barrancos em longas distâncias. A ajuda mútua predominava. Se alguém não conseguisse pegar sua água, outra pessoa buscava para ela. No local também havia um pequeno lago, usado pelos moradores para tomar banho e lavar roupas. Posteriormente foi aterrado para construção de casas. Com a urbanização do bairro, veio também o saneamento básico e água encanada. Duas bombas elétricas (conhecidas como elevatórias) passaram a jogar água por pressão, para o alto do morro. A elevatória de água da **Avenida Vitória** foi construída, em 1989, no mesmo lugar do antigo poço.

Para atender aos moradores que vivem nas partes mais altas do morro e ainda sobre com escassez de água, em períodos de estiagem, foi construído o **Reservatório de Jaburu**. O reservatório já está pronto desde 2014, mas ainda não está funcionando.



Elevatória de Jaburu, localizada na Avenida Vitória – Vitória/ES



A Elevatória da Gurigica, localizada na Rua Gilson Mendonça – Vitória/ES



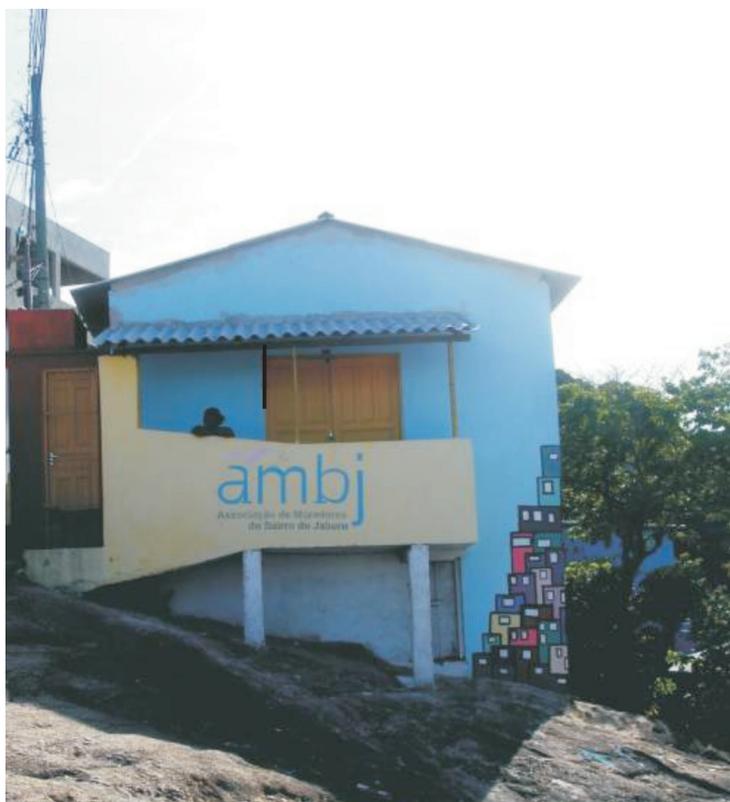
Reservatório de água de Jaburu, pronto desde 2014, ainda não está em funcionamento.



Centro comunitário (Grupo Nação)

O espaço do **Centro Comunitário de Jaburu** pertencia à **Igreja Católica de Santo Antônio**, por volta de 1965 (terceira igreja do bairro). Depois, em 2011, a sede da igreja foi cedida para o **Centro Comunitário do Jaburu** e desde então é o local de reuniões da comunidade. Nele acontecem os encontros dos moradores, de suas lideranças e do **Grupo Nação e Associação de Moradores de Jaburu**. O espaço sedia também as festas comemorativas e é ponto de encontro dos jovens do bairro.

O **Grupo Nação**, movimento comunitário organizado, começou as suas atividades no final da década e se formalizou no ano de 2005 e desde sempre contribui ativamente para as transformações positivas na comunidade.



Bairro Parque do Bem

O espaço que se tornou o **Parque do Bem** era um terreno baldio que por muitos anos recebeu o lixo de moradores da comunidade. A comunidade, com o apoio da **Associação Ateliê de Ideias**, do **CISV** e do **Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFES**, em 2011 realizou o **“Mutirão do Bem”**, limpando e transformando o local em um parque, garantindo uma área de lazer na comunidade. O **Parque do Bem**, vizinho do **Centro Comunitário**, com área de 150 m² é cuidado pelos próprios moradores.



Parque do Bem – antes e depois



Nossa
história
Nosso Bem



Território do Bem - Vitória - ES

Nossa
história
Nosso Bem



Território do Bem - Vitória - ES

